



Clipping Nacional

de

EDUCAÇÃO

Brasília, 18 de Novembro de 2019

Acesso a cursos é desigual

ANTÔNIO GOIS

Na semana passada, o IBGE divulgou uma notícia alvissareira: pela primeira vez na série histórica do instituto, o percentual de alunos de graduação que se autodeclararam pretos ou pardos passaram a ser a maioria (50,3%) em instituições públicas de ensino superior, no ano de 2018. No total da população, esses grupos representam 56%, o que significa que ainda há uma sub-representação, mas a distância diminuiu muito.

Em 1998, quando as estatísticas do IBGE começaram a demonstrar aumento da proporção de negros em cursos universitários, o percentual era de apenas 18% (considerando instituições públicas e privadas). Em 2001, quando os dados do instituto começaram a permitir diferenciar públicas e privadas, a proporção nas instituições estatais era de 31%. Ao contrário do que faz crer o senso comum, as públicas eram menos elitistas do ponto de vista racial, pois o percentual em instituições particulares era de 18% na época.

Desde então, o que vimos foi, tanto no setor público quanto no privado, um aumento contínuo na proporção de negros no ensino superior. Foi um avanço inegável,

mas os dados do IBGE não permitem investigar outra questão relevante: quais são os cursos universitários que estão concentrando mais esses grupos populacionais?

A pedido da coluna, a consultoria Idados fez uma análise por curso nos microdados de 2018 do Censo da Educação Superior, realizado anualmente pelo Inep. Em alguns deles, a proporção dos autodeclarados pretos e pardos supera, em alguns poucos pontos percentuais, a proporção desses grupos no total da população. São 60% dos alunos em Serviço Social e 58% em Pedagogia, por exemplo. No entanto, o maior gargalo da inclusão está nas carreiras de maior prestígio salarial. É o caso de Medicina (40%), Engenharia (40%), Odontologia (39%).

Uma análise publicada em julho deste ano na “Folha de S.Paulo” conta uma história parecida. Considerando os dez cursos mais bem avaliados no ranking universitário elaborado pelo jornal em cada carreira, o percentual de negros foi de apenas 27%. Na média geral dessas mesmas carreiras (ou seja, considerando não apenas os cursos de melhor avaliação), a proporção

sobe para 42%.

A política mais visível de inclusão racial no ensino superior público foram as cotas. Mas elas não foram — ainda bem — o único motor dessa expansão. Esse movimento começa desde a educação básica, com políticas que ampliaram as matrículas nos anos 90 e levaram mais jovens negros a terminarem o ensino médio. Houve também a própria expansão do ensino superior, principalmente pela via privada. Ao final do século passado, cerca de 2 milhões de alunos estavam matriculados em cursos de graduação. Esse número, desde então, quadruplicou.

Num país que conviveu por séculos com a chaga da escravidão e com indicadores ainda tão profundos de desigualdade racial, é ilusório acreditar que o problema será resolvido em pouco tempo. É positivo perceber que, ao menos, estamos avançando. Mas há ainda um longo caminho a percorrer.

A política mais visível de inclusão racial no ensino superior público foram as cotas. Mas elas não foram o único motor dessa expansão

Unicamp faz teste ‘sofisticado’ e difícil

Isabela Palhares

A prova da primeira fase do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) abordou temas contemporâneos e atuais, como a discussão sobre o machismo no futebol, queimadas em florestas e o incêndio na catedral de Notre Dame. O gabarito oficial do teste de 90 questões de múltipla escolha será divulgado nesta quarta-feira.

Dailiy de Matos, coordenador do cursinho Objetivo, disse que a prova seguiu formato parecido ao do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), com questões abordando assuntos modernos, mas que exigiam conexão com os conteúdos escolares. “É uma prova com temas do momento, não uma prova de atualidades. Cobra um candidato que entenda a cultura e a temática do momento.”

Para Daniel Perry, diretor do cursinho Anglo, a prova da Unicamp foi a mais difícil deste ano na comparação com os outros principais exames do país, como

o Enem e o vestibular da Unesp. “Além de exigir repertório clássico, em termos de conteúdo, o candidato tinha que ter a capacidade de fazer comparações, inferências. Foi um teste muito sofisticado.”

Na avaliação dos professores do Anglo, as questões de Química e História estavam entre as mais difíceis. Em Química, pelo formato ser diferente de anos anteriores, com perguntas que exigiam leitura crítica e minuciosa do enunciado e resolução que cobrava habilidades além do conteúdo da disciplina. Já as de História, por exigir a capacidade de inferência.

Na avaliação de Matos, a prova cobrou dos candidatos bastante domínio da matriz curricular e bom vocabulário. “Exigiu do aluno precisão dos conceitos de cada disciplina. Não adiantava ter só uma boa leitura ou ter um domínio razoável das disciplinas. Era preciso aliar os dois”, analisou.

Das 90 questões, 12 são interdisciplinares, ou seja, avaliam conhecimento de uma ou mais disciplinas. Matos destacou uma questão de Inglês e História que trazia um cartaz no idioma inglês e mostrava um soldado comunista “dando uma injeção” de propaganda comunista em uma escola. “Uma apresentação muito interessante e que exigia bom domínio da língua inglesa e conhecimento histórico. Além de conversar com o momento atual que vivemos.”

Os coordenadores ainda elogiaram a organização da prova e o tipo de conhecimento e habilidade que buscava avaliar nos candidatos. “O vestibular indica o perfil de alunos que a universidade quer. A prova da Unicamp deixou muito claro quem ela quer ocupando as suas vagas: um aluno com visão de mundo abrangente, com repertório cultural, que pensa de forma analítica e bem preparado do ponto de vista cidadão”, destacou Perry.

Governo recupera R\$ 42 milhões

O Governo do Distrito Federal corre atrás de uma solução para atender à demanda por creches, que hoje está estimada em mais de 19 mil crianças. Neste semestre, a Secretaria de Educação anunciou a oferta de 783 novas vagas na educação infantil.

Para 2020, a expectativa é ainda melhor: cinco novas creches devem ser entregues até junho. Outras cinco, no final do ano.

O edital de licitação para as obras das primeiras instalações sairá ainda neste mês, graças a uma investida do governo local para recuperar contratos de 2012, com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

“Não havia um só projeto, nada. E os prazos todos estourados”, conta a chefe da assessoria especial da Secretaria de Governo, Sueli Rodrigues.

Sueli foi quem coordenou o grupo de trabalho, que se dedicou, nos últimos meses, à elaboração processual junto ao Ministério da Educação para não perder os recursos.

“Se não tivéssemos feito esse esforço concentrado, envolvendo vários órgãos do governo, perderíamos mais de R\$ 42 milhões. Quinze creches que já deveriam estar prontas, mas ficaram esquecidas na gaveta de governos anteriores”, completa.

Outra história

Agora, a realidade é outra. O trabalho está bem adiantado. Os terrenos para as instalações já estão definidos e os projetos arquitetôni-

cos, elétricos e hidráulicos já estão prontos. Nessa semana, o GDF irá apresentar cinco deles no FNDE.

“Até dezembro, no máximo, a licitação estará na rua. No início do próximo ano iniciamos as obras das primeiras unidades”, prevê.

O primeiro lote vai contemplar cinco unidades de ensino infantil: na Rua 18 da Vila Telebrasília; na Quadra 109 do Recanto das Emas; na Quadra 23 de Planaltina; na Quadra 109 do Recanto das Emas; na EQ 1/2 do Gama; e na EQNP8/12 de Ceilândia. Somadas, elas vão oferecer mais de 900 vagas para crianças de zero a cinco anos de idade.

Projeto arquitetônico

No bloco administrativo ficam secretaria da escola, sala dos professores, diretoria, almoxarifado e sanitários masculino e feminino para adultos. No bloco de serviços, rouparia, lavanderia, copa para funcionários, depósito de material de limpeza, vestiários masculino e feminino, despensa, cozinha, bufê e lactário.

O bloco da creche, para crianças com até três anos de idade, terá fraldário, sanitário e áreas de atividades, repouso, alimentação e solário. Já o bloco da pré-escola, para crianças de quatro e cinco anos, terá espaço de atividades, repouso e solário.

A complementação dos espaços para esses estudantes está no bloco multiuso, que terá sala, sanitários para meninos e meninas, sanitários para adultos e para pessoas com deficiências, sala de informática e telefone.



19

MIL CRIANÇAS SÃO ATENDIDAS PELAS CRECHES DO GDF





GDF projeta iniciar obras de novas unidades no começo do ano que vem. Licitação deve sair em dezembro

SERVIÇO

Confira o endereço com previsão de entrega das 15 novas creches:

OBRAS COM ENTREGA ESTIMADA PARA O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2020:

- CEPI – Vila Telebrasilândia
- CEPI – Planaltina Q 23
- CEPI – Recanto das Emas Q 109
- CEPI – Gama EQ 1/2
- CEPI – Ceilândia EQNP 8/12

OBRAS COM ENTREGA ESTIMADA PARA O SEGUNDO SEMESTRE DE 2020:

- CEPI – Gama DVO
- CEPI – Guarã EQ 17/19

- CEPI – Santa Maria Q 201
- CEPI – Samambaia Q 217
- CEPI – Recanto das Emas Q 112

OBRAS COM ENTREGA ESTIMADA PARA O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2021:

- CEPI – Ceilândia QNP 11
- CEPI – Santa Maria EQ 215/315
- CEPI – Taguatinga QNJ
- CEPI – Taguatinga EQNL 9/11
- CEPI – Ceilândia QNO 18

Do desejo de ser cientista à 'fuga' da mão de obra

ALEX S. LIMA

Estamos acompanhando um desmanche na nossa principal agência de fomento de pesquisa do Brasil, o CNPq, a mesma que possibilitou o início da realização do meu sonho e de muitos outros jovens de se tornar um cientista. Os cortes de verbas das universidades federais, e a escassez de concursos para a contratação de docentes e pesquisadores, estão deixando toda a comunidade científica indignada.

A formação de um cientista envolve aproximadamente 15 anos de investimento do Estado. Esse cenário de devastação limita as perspectivas de jovens cientistas. A não absorção deles pelo mercado de trabalho brasileiro, seja em empresas ou universidades, dificulta a sua contribuição e o retorno desse investimento estatal para a sociedade na forma de desenvolvimento da nossa educação, ciência e tecnologia.

A consequência direta desse descaso com a nossa ciência, que vinha crescendo e produzindo muitas coisas boas, é o colapso de pesquisas que estão diretamente ligadas ao bem-estar da população.

Todo o investimento na busca de curas para diferentes tipos de câncer, doenças neurodegenerativas, dores

crônicas, pesquisas na área de energia e no aumento da produção de alimentos sem provocar desequilíbrio ambiental, dentre outras aplicações e avanços que a ciência nos traz, poderá ser perdido.

A ciência atualmente é muito dinâmica, e um ano de congelamento pode levar muito tempo para sua recuperação. Outra consequência é o aumento das chamadas pseudociências, tais como os movimentos que acreditam que a terra é plana ou que vacinas não funcionam —filósofos de boteco influenciando milhares de pessoas, entre tantos outros absurdos que em um “mundo ideal” não seriam aceitos.

As informações sobre a situação da ciência no Brasil não estão restritas a nós. Frequentemente, os mais renomados jornais e revistas científicas internacionais veiculam artigos sobre a atual situação do nosso país. De certa forma, todos estão preocupados conosco, seja por interesses específicos ou por conhecerem o nosso potencial. A insistência de um jovem cientista em permanecer no Brasil pode custar o fim de sua carreira. É por isso que há um processo conhecido como “fuga de cérebros”, onde pessoas altamente qualificadas começam a

migrar para outras nações em função da carência de posições no seu país de origem.

É economicamente viável para esses países que recebem esses jovens, pois não precisam de nenhum investimento, apenas de posições para que possam usufruir de mão de obra altamente especializada.

O Brasil investiu na minha formação durante 15 anos. Pagou meus estudos no exterior por pouco mais de um ano. Retornei para ser professor, montar um grupo de pesquisa e compartilhar o conhecimento que adquiri lá fora e aqui durante todos esses anos, mas as oportunidades no nosso país estão cada vez mais raras. Procurando alternativas, fui contratado na Suécia.

Infelizmente, sou mais um jovem cientista que deixa o país para dar continuidade a um sonho iniciado na infância e viabilizado pelas agências de fomento à pesquisa brasileira.

Fui, mas espero um dia voltar!

Alex S. Lima

Doutor em química pelo Instituto de Química da USP e pesquisador no Departamento de Química e Biologia Molecular da Universidade de Gotemburgo (Suécia)

Maior escolaridade é prêmio salarial no Brasil

Érica Fraga e
Arthur Cagliari

SÃO PAULO A enorme vantagem salarial que um diploma universitário gera no Brasil é reduzida quase à metade se o profissional não consegue uma vaga no mercado de trabalho compatível com sua escolaridade.

Segundo análise da consultoria IDados, brasileiros em funções que exigem curso superior ganham, em média, R\$ 8.561 mensais. Essa remuneração cai para R\$ 4.861 se a vaga ocupada por esses trabalhadores não exigir formação.

A Folha mostrou que profissionais qualificados têm encontrado dificuldade de inserção em suas áreas de especialização e migrado para ocupações menos sofisticadas.

De acordo com o levantamento da IDados, embora estejam em desvantagem salarial em relação a seus pares

mais bem colocados no mercado, os trabalhadores com diploma universitário ganham o dobro daqueles com ensino médio completo em vagas similares.

Quem concluiu apenas o ciclo escolar básico recebe R\$ 2.035 mensais em postos que não exigem formação, revela a análise feita pela economista Mariana Leite com base na Rais (Relação Anual de Informações Sociais), que reúne dados do mercado formal, de 2018.

Esse resultado confirma estudos anteriores que apontam um grande prêmio salarial por maior escolaridade no Brasil.

“Esses números mostram que, mesmo deslocados das vagas que esperavam ocupar, esses profissionais têm alguma vantagem no mercado”, diz Bruno Ottoni, pesquisador do Ibre/FGV e da IDados.

A babá Luciana Félix, 36, sentiu essa diferença após ter

cursado pedagogia em meados da década passada.

Embora tenha desistido de trabalhar em escola e voltado à função que já havia desempenhado antes de ingressar na faculdade, ela nota que ganha mais do que outras profissionais com menos qualificação.

A faculdade a ajudou a adquirir habilidades que usou com Lucas, 20, que tem autismo.

“Eu já tinha sido babá do Lucas antes e voltei, depois da faculdade, para ajudar no acompanhamento terapêutico dele na escola”, diz ela, que ainda trabalha para a mesma família, cuidando de Pedro, 8.

Porém, a distância salarial que profissionais qualificados deslocados de sua área de formação amargam em relação a seus pares em cargos compatíveis com o ensino superior pode gerar frustração pessoal.

Outro risco é o de prejuízo financeiro. Há estudos para países como o Chile que mos-





tram que o investimento feito para pagar uma faculdade pode nunca ser totalmente recuperado dependendo da trajetória do profissional.

O descasamento entre formação e ocupação tende também a punir o país como um todo, que deixa de aproveitar habilidades que os trabalhadores adquiriram e poderiam contribuir para o aumento da produtividade.

Outro cenário possível e preocupante é que parte dos profissionais que cursam o ensino superior simplesmente não acumula ganho significativo de capital humano.

Essas questões têm chamado a atenção de pesquisadores. Segundo eles, é um problema que deveria mobilizar tanto os formuladores de políticas públicas quanto instituições de ensino e famílias.

O economista Sergio Firpo, do Insper, ressalta que o Brasil escolarizou a força de traba-

lho na última década e meia, dobrando o número de pessoas com ensino médio.

“Deixamos disponível um contingente populacional enorme para ser absorvido pelos provedores de ensino superior”, afirma.

Dada a restrição de oferta de vagas nas instituições públicas, parte dos que buscaram continuar investindo na



Mesmo deslocados das vagas que esperavam ocupar, esses profissionais têm alguma vantagem

Bruno Ottoni

pesquisador do Ibre/FGV e da IDados

formação educacional terminou em faculdades privadas.

Parte do problema, segundo Firpo, é que a qualidade do ensino em algumas instituições do segmento particular —que passou por um período de forte expansão no país— é baixa, o que pode ter prejudicado os alunos.

“Muitas vezes o brasileiro sai com uma formação que não é adequada para exercer certas atividades”, afirma.

“Isso faz com que ele acabe subutilizado no que diz respeito àquela ocupação para a qual foi treinado e migre para outra”, acrescenta o pesquisador.

Otoni ressalta que a fraqueza da economia brasileira desde 2014 ampliou as barreiras para quem busca vagas qualificadas no mercado de trabalho, que foi caracterizado pelo forte aumento da informalidade nos últimos anos.

Mas, para ele, há uma falha grande de mercado no Brasil,





que ajuda a explicar o desca-
samento crescente entre for-
mação e ocupação.

Ao contrário do que ocor-
re em muitos outros países,
há pouca informação sobre o
que acontece com os brasilei-
ros na transição da faculdade
para o mercado de trabalho.

“Em países como os EUA, as
universidades acompanham
seus alunos, sabem onde es-
tão empregados, quanto ga-
nham. No Brasil, isso pratica-
mente não existe”, diz Ottoni.

A ausência de informação
sobre o mercado pode ter le-
vado Sandra Lima, 40, a to-
mar uma decisão equivocada
quando decidiu cursar servi-
ço social, na Unip.

Com vasta experiência cozi-
nhando em restaurantes, ela
pensou que conseguiria o que
buscava —salário mais alto e
melhores condições de traba-
lho— em outra área.

Destinando cerca de 60% de
sua renda à mensalidade do
curso, Sandra conta que cur-
sou a faculdade com grande
empolgação. Quando termi-
nou o curso, no fim de 2018,
largou o emprego para poder
se dedicar à busca por uma
vaga em assistência social.
Foi quando veio a frustração.

“Não consegui nada e des-
cobri o quanto a gente idea-
liza o mercado de trabalho.”

As vagas que encontrou, diz,
exigiam experiência prévia
ou qualificação ainda maior.

“Acho que teria me ajudado
saber disso antes de ingressar
na faculdade”, afirma.

Depois de sete meses de-
sempregada e à beira da de-
pressão, Sandra voltou ao ra-
mo de alimentação em ago-
sto, ajudada pela ex-chefe. E,
agora, está cursando uma pós-
graduação, também em servi-
ço social, com foco em saúde.

“Não desisti, nem me arre-
pendi. A faculdade abriu mi-
nha visão de mundo. Foi co-
mo se tivesse passado a vida
toda dormindo e, de repente,
acordado”, diz.

Ela afirma, no entanto, que,
olhando para trás, talvez ti-
vesse optado por outra área.

“Tinha pouca informação
quando entrei na faculdade.
Se soubesse melhor a realida-
de do mercado, talvez tives-
se optado por gastronomia,
já que adoro cozinhar e sem-
pre trabalhei na área.”

Dados da Rais mostram que
houve um boom no número de
profissionais com ensino supe-
rior em postos com carteira as-



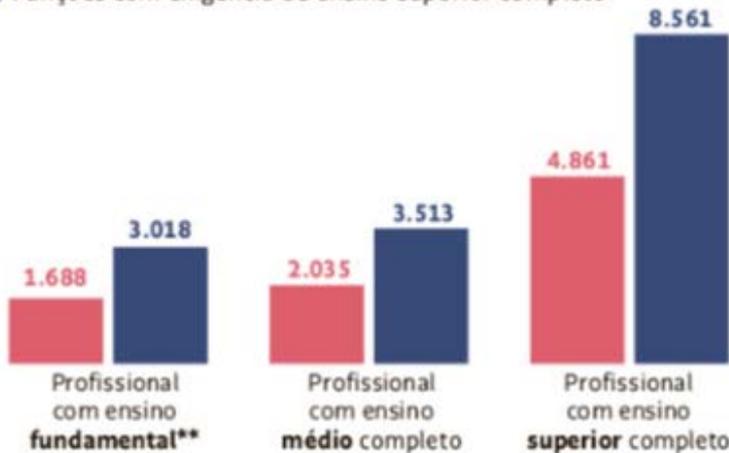


Qualificado em vaga menos sofisticada ganha quase a metade que seus pares em ocupação de nível superior

Remuneração é, porém, o dobro do recebido por profissional com ensino médio desempenhando o mesmo tipo de função

Salário por escolaridade e exigência do emprego, em R\$*

- Funções sem exigência de escolaridade
- Funções com exigência de ensino superior completo



Anos a mais de estudo têm forte impacto sobre renda no Brasil

Salários médios por nível de escolaridade, independente da função exercida, em R\$



*A remuneração se refere a jornadas de 40 horas semanais
 ** Completo ou incompleto
 Fonte: Levantamento feito pela consultoria IDados com base em estatísticas da Rais

sinada ligados à gastronomia.

Entre 2013 e 2018, o número de chefes de cozinha com diploma universitário mais do que quadruplicou, passando de apenas 515 para 2.400.

Já os profissionais com faculdade ocupados como auxiliares nos serviços de alimentação se multiplicaram por dez, saltando de 871 para 8.935.

No mesmo período, o aumento no contingente de assistentes sociais com carteira assinada foi bem menor, de 11%, passando de 66,1 mil para 73,8 mil profissionais.

Os movimentos dentro de ocupações específicas podem refletir mudanças estruturais no mercado de trabalho, que ajudam a explicar a escassez

de certas vagas e a oferta crescente de outras.

Não por acaso o descasamento entre formação e ocupação —“mismatch” em inglês— tem sido alvo de estudos, principalmente em países desenvolvidos.

Em parte, segundo pesquisadores, ele está associado a mudanças tecnológicas que





fazem com que certas ocupações desapareçam. É o que tem ocorrido com carreiras administrativas, que envolvem a realização de funções que podem ser automatizadas.

Ao mesmo tempo, outros postos — como diversas funções ligadas à análise de dados — vêm surgindo.

Há ainda profissões que têm se transformado. Ottoni cita o exemplo de profissionais ocupados como secretários que começam a desempenhar outras funções, algumas mais elaboradas. Isso pode ajudar a explicar a contratação de profissionais com ensino superior para esse tipo de vaga.

“Não significa que a secretária vai acabar, mas que a secretária como nós a conhecemos pode acabar. Na prática, criando outro cargo”, diz Ottoni.

A compreensão dessas tendências é considerada crucial para adequar a formação da força de trabalho dos países. Por isso, há nações com iniciativas que estabelecem um canal direto entre instituições de ensino, setores privado e governo para que haja maior coordenação entre formulação de currículos, políticas públicas e empresariais.

Pós-Enem tem maratona de vestibulares

Candidatos que vão disputar vagas nas três universidades paulistas em um espaço de dez dias mudam rotina para vencer a ansiedade

Isabela Palhares

Para ampliar chances de conseguir a tão sonhada vaga nos cursos mais disputados do País, alguns estudantes enfrentam nestas duas semanas uma maratona de provas, onde têm de resolver 270 questões e se preparam para 15 horas sentados para os exames. Depois do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), os estudantes começaram anteontem os vestibulares das universidades estaduais paulistas.

Nesta sexta-feira, houve a primeira fase da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Hoje, acontece a prova da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, no próximo domingo, será a vez da Universidade de São Paulo (USP). Para os candidatos, mais do que apenas estudar é preciso preparação física e mental para garantir um bom resultado nos exames.

Aos 28 anos e já formada em Engenharia pela USP, Ana Carolina Oliveira vai enfrentar as provas mais uma vez neste ano, desta vez para cursar Medicina. Ela contou que,

nos últimos dias, sua preocupação ficou mais voltada para o descanso do que para uma rotina extensa de estudos. “O que tinha para aprender já aprendi durante o ano. Agora não adianta me estressar com conteúdo, porque corro o risco até de esquecer o que sei, se não estiver descansada.”

Nos últimos dias, ela reduziu as horas de estudo e passou a refazer provas de anos anteriores para treinar os diferentes tipos de exame. “Agora não é hora de aprender algo novo, mas treinar, recordar, revisar o que sei”, disse. Também aumentou o tempo de meditação, de leitura e de assistir filmes.

Nas vésperas de cada um dos vestibulares, ela não planeja estudar, mas fazer passeios com a família e os amigos para distrair. “No sábado, antes do Enem (que foi no primeiro fim de semana de novembro), eu fui com a minha família na Rua 25 de Março para comprar uma árvore de Natal para a nossa casa. Um programa bem diferente para não pensar na prova e não ficar ansiosa.”

A rotina adotada por Ana Carolina nos últimos dias é aconselhada pelos professores e coordenadores de cursinho para quem vai fazer muitas provas. “É um período muito puxado, de muito estresse. Por isso, é importante cuidar da alimentação, descansar

bem”, recomendou Edmilson Motta, coordenador do cursinho Etapa.

Eliezer Pereira, de 20 anos, também disse ter diminuído as horas de estudo nas últimas semanas e passou a fazer mais atividades por lazer. Se antes passava mais de 12 horas dedicado às aulas e ao estudo em casa, nos últimos dias o candidato reduziu para 8 a 9 horas.

“Estou confiante que dei o meu melhor”, disse o jovem, que estudou no Cursinho da Poli. “Vou para academia, leio, assisto filmes ou séries. Fiz o melhor que pude ao longo do ano, continuo treinando, mas agora tenho de estar bem descansado”, contou o jovem que também vai fazer o vestibular das três universidades para Medicina.

Na quinta-feira, a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) divulgou a relação candidato por vaga de cada curso. Medicina continua sendo o curso mais concorrido, com 129 inscritos para cada vaga.

Unicamp. Para a prova de hoje da Unicamp há 72.859 inscritos, que vão concorrer a 2.570 vagas, em 69 cursos de graduação. Esse número representa 80% das vagas regulares – as restantes serão preenchidas com o uso da nota do Enem.

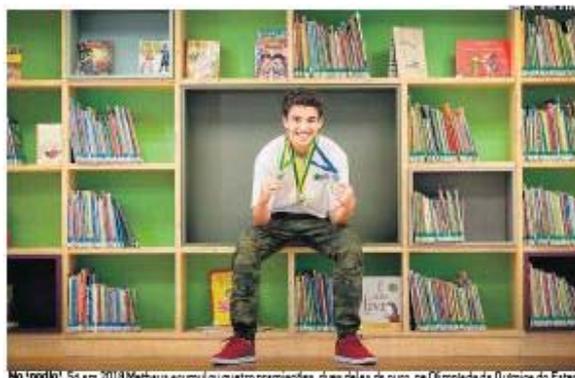
Essas medalhas valem ouro na universidade

Alex Gomes

As olimpíadas de conhecimento não são novidade, mas passaram a ter apelo extra para os participantes nos últimos anos. Essas competições – que envolvem áreas diversas como Física, Química e Matemática – agora também são um passaporte alternativo para o ingresso na faculdade. Com isso, escolas particulares de São Paulo dedicam cada vez mais atenção à preparação para esses torneios.

Três das mais importantes universidades brasileiras – USP, Unicamp e Unesp – passaram a reservar parte das vagas para medalhistas ou participantes destes torneios. Este ano, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) recebeu os primeiros alunos selecionados pelo rendimento em olimpíadas. A Universidade de São Paulo (USP) e a Estadual Paulista (Unesp) passaram a ofertar vagas nessa modalidade neste ano – e os selecionados começam a frequentar as instituições no ano que vem.

Além de reconhecer o potencial que essas competições têm de revelar talentos, a iniciativa mostra a reação das universidades brasileiras ao fato de muitos premiados deixarem o Brasil rumo a instituições de ponta no exterior. Em Yale ou Harvard (EUA), por exemplo, um



No 'podol'. Só em 2018 Mathheus acumulou quatro premiações, duas delas de ouro, na Olimpíada de Química do Estado

histórico de participação em olimpíadas de conhecimento pode contar pontos na seleção.

De olho na tendência, colégios particulares de São Paulo passaram a dedicar formações extras ou reforços na grade regular. Para transformar seus alunos em medalhistas, o Vital Brazil, no Butantã, zona oeste paulistana, oferece módulos em horários extracurriculares do 6.º ao 9.º ano, abrangendo Física, Matemática e Química.

Já no ensino médio, o preparo ocorre de forma mais fluida. “Damos carga extra de preparo aos alunos do fundamental, para que já cheguem ao médio mais afiados para as olimpíadas, sem necessidade de reforço”, diz Roberto Leal, coordenador pedagógico do fundamental.

A escola já tem medalhistas, como Matheus Franco, do 3.º ano do ensino médio. Só em 2018, ele

acumulou quatro medalhas, duas delas de ouro, na Olimpíada de Química do Estado de São Paulo e na Canguru de Matemática Brasil. “Gosto da experiência. Tenho amigos que vão comigo e competimos para ver quem resolve as questões mais difíceis.”

Talentos. As escolas também acreditam que as olimpíadas são uma forma de encontrar talentos. O Poliedro, por exemplo, tem uma equipe direcionada ao tema. “Vamos de sala em sala explicar que as provas não são só para os ‘nerds’ ou aqueles que só tiram nota 10”, explica Thiago Cardoso da Costa, coordenador da Turma de Olimpíadas. O esforço do colégio deu resultado. Em 2012, antes da criação da equipe, a escola teve 35 premiações. No ano passado, foram 600.

Nessa lista está Juan German Cornelio, do 3.º ano do ensino médio. Ele participa dos torneios desde o 5.º ano do fundamental, quando experimentou a Olimpíada Brasileira de Astronomia, e acumula oito medalhas. “Gosto bastante das olimpíadas por causa da experiência e da sensação constante de desafio”, diz Juan, que sonha em cursar Física na USP e quer fazer das medalhas o caminho para a matrícula.

E o Weintraub, hein? / Já tem gente no Congresso pensando em convocar o ministro da Educação, Abraham Weintraub, para explicar a deseducação nas redes sociais. Dia desses, no Twitter, o perfil dele exibia xingamentos à mãe de um internauta. Ministro tem que ter compostura. Especialmente, o da Educação.

GUIA DE CONCURSOS » **Como conquistar 1.660 vagas em hospitais universitários**

» Daniela Santos*

Estão abertas as inscrições para o concurso da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). São 1.660 vagas, para 36 unidades da empresa, divididas entre as áreas médica (533), assistencial (998) e administrativa (129). O certame também visa à formação de cadastro de reserva. O concurso tem duas etapas, a prova objetiva e de títulos. As inscrições vão até 10 de dezembro, no site www.ibfc.org.br e o prazo para pagamento da taxa vai até o seguinte, 11. Salários podem chegar a R\$ 14 mil.

As vagas são para Brasília e os estados do Amazonas, Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso Do Sul, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio De Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo e Tocantins.

No Distrito Federal, os selecionados trabalharão no Hospital Universitário da Universidade de Brasília (HUB-UnB). São 29 oportunidades para a área médica, 47 na assistencial e 15 para o campo administrativo. A atuação é bem ampla, desde profissionais com formação técnica nas áreas de saúde ou administrativa, até engenheiros e jornalistas com ensino superior completo.



Berla aposta em cursinho para conseguir a sonhada vaga

Temas

As matérias cobradas variam de acordo com a área para a qual o candidato se inscrever. Em comum, estão português e legislação do Sistema Único de Saúde e da Ebserh. Com base na experiência de outros certames do Instituto Brasileiro de Formação e Capacitação (IBFC), banca responsável pelo processo, o professor de língua portuguesa do cursinho preparatório Gran Cursos, Elias Santana, aposta em conteúdos que sempre caem.

“Interpretação de texto, coesão textual, morfologia, concordância verbal, funções do ‘que’ e do ‘se’, crase e pontuação. São esses os tópicos mais benquistos pela banca e que os concurreiros devem focar”, aponta.

A concorrência é um fator que preocupa muitos candidatos, mas, em relação ao conteúdo da prova, o professor afirma que isso pode não fazer tanta diferença. “A prova mais concorrida, não necessariamente vai ter questões mais difíceis. A IBFC não ‘pesa a mão’ mesmo que seja





uma aplicação de âmbito nacional ou estadual”, explica.

Legislação

Na parte de legislação específica da Ebserh, serão cobrados conteúdos referentes à Lei nº 12.550, que estabelece a criação da empresa; o Decreto nº 7.661, que regulamenta a mesma lei; o Regimento Interno; o Código de Ética e o Estatuto Social da Ebserh. De acordo com o professor de legislação especial do IMP Concursos, Ismael Noronha, o foco deve estar nas três primeiras normas. “Analisando os outros concursos, as bancas sempre deram uma abordagem mais literal na cobrança da lei. Então, o aluno tem que estudar a parte literal e ler as disposições”, orienta.

Segundo Noronha, o Decreto nº 7.661 é um ponto importante a ser observado, por trazer informações complementares ao que está na lei. “O decreto, em boa parte, repete o que está na lei. Então, aconselho estudar com mais profundidade. Ele é um pouco maior, mas lá, você vai ter as informações completas”. Sobre o regimento, ele aponta que a matéria que mais cai é a parte de organização e funcionamento dos conselhos e da diretoria executiva do órgão.

Uma novidade que o edital trouxe, neste ano, foi o acréscimo do Código de Ética da Ebserh e a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 553 de 2017, que trata da carta de direitos e deveres do usuário dos serviços de saúde.

Preparação

Berla Cruz, 34, se formou no curso de enfermagem em 2016 e vai

prestar o concurso. A matéria em que ela mais tem dificuldade é legislação. “Nunca fiz concurso para a área de saúde, mas tenho uma noção. Na faculdade, a gente acaba vendo um pouco sobre isso”, lembra.

Para se preparar, Berla estuda em casa no período contrário ao trabalho. Agora, ela também vai entrar em um curso preparatório para aprofundar os conteúdos. “A expectativa estava grande e já venho estudando as específicas. No cursinho, eu posso fazer esse estudo mais voltado para as gerais também”, diz.

Atualmente, ela trabalha no Centro de Atenção Psicossocial David Capistrano, em Sergipe. Passar no certame significa estabilidade para ela e para a família. “O salário é bom, e o hospital fica na minha cidade. Eu sou mãe e isso é importante para manter a família”, explica.

Diferencial

Para os cargos de nível médio e técnico, o conteúdo geral também vai trazer questões de raciocínio lógico e informática. A professora coordenadora da área de saúde do Gran Cursos, Fernanda Barboza, recomenda estudar por meio de videoaulas e questões comentadas.

“São conteúdos extensos. Se o candidato for estudar a teoria toda, acaba não dando conta do resto do edital”, alerta. O segredo, então, é identificar o que mais cai, quais as maiores dificuldades de cada concurseiro e trabalhar em cima disso.

Ela também ressalta que a parte

de português tem peso semelhante ao das questões de legislação e a parte específica. Por isso, é importante ter um olhar diferenciado sobre ela. “O português vai ter uma relevância na prova. Serão 15 questões e de grande peso.”

Fernanda chama a atenção para que os concurseiros não deixem de lado os conteúdos gerais. “São esses conteúdos, às vezes, até negligenciados na hora do estudo que vão dar o toque final. É o que vai diferenciar o candidato na hora da aprovação”, pontua.

O que diz o edital

Concurso Público para Provisão de Vagas Efetivas e Formação de Cadastro Reserva para a Empresa Brasileira De Serviços Hospitalares (Ebserh)

Inscrições: até 12 de dezembro no site www.ibfc.org.br. Editais disponíveis em: bit.ly/33D6zy6.

Taxa: entre R\$ 80 e R\$ 240

Vagas: 1.660 para nível médio/técnico e superior

Salários: entre R\$ 2.170,22 e R\$ 14.412,63

Provas: 2 de fevereiro

Locais de prova: Brasília, Maceió, Manaus, Salvador, Fortaleza, Vitória, Goiânia, São Luiz, Cuiabá, Dourados, Campo Grande, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberaba, Belém, João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras, Curitiba, Recife, Petrolina, Teresina, Rio de Janeiro, Niterói, Santa Cruz, Natal, Santa Maria, Pelotas, Florianópolis, São Paulo, São Carlos, Aracaju, Lagarto e Araguaína.

» Estagiário sob supervisão da editora Ana Sá

Espiões nas universidades

No começo do governo Bolsonaro, com as primeiras crises na área educacional, houve um debate acirrado sobre o incentivo a que estudantes denunciassem professores que considerassem ideologicamente “desviados”, pelos critérios dos novos donos do poder.

Houve casos de estudantes que filmaram com seus celulares aulas de professores “esquerdistas”. Vários vídeos circularam em grupos de WhatsApp para denunciar o uso da sala de aula para doutrinação política.

Muitos mostravam estudantes tentando constranger seus professores, outros, professores fazendo também proselitismo na sala de aula. Salas foram invadidas, com alunos denunciando professores, pela direita e pela esquerda. Sempre me lembrava de uma palestra que fiz em 2012 sobre liberdade de expressão, em debate na Academia de Ciências Sociais de Xangai promovido pela Academia da Latinidade, coordenado pelo cientista político e meu colega da Academia Brasileira de Letras Cândido Mendes. O debate àquela altura, mas poderia ser hoje, era sobre os choques entre os governos de esquerda na América Latina e a imprensa independente. O mesmo que acontece hoje no Brasil, com um governo de extrema direita.

Falei sobre a importância da mídia para a garantia da democracia, com a tarefa de refletir as pressões e os desejos da sociedade, papel que desde as origens sempre exerceu,

para se contrapor à força do Estado absolutista e legitimar as reivindicações da sociedade civil nascente. Durante os debates, fiquei gratamente surpreso com a amplitude da discussão, com os estudantes falando abertamente de censura do Estado e revelando a ansiedade por mais liberdade de expressão.

Ao final, conversei com uma estudante, das que mais questionaram, e perguntei se não tinha receio de falar tão abertamente sobre suas angústias e necessidades. Ela me disse que o governo considerava a universidade um ambiente aberto, livre de censuras. E fazia isso para garantir que os estudantes não tivessem tolhida sua criatividade. Fora dali, a conversa era outra. Lembre-se o massacre da Praça da Paz Celestial, em 1989.

Isso agora acabou. O governo chinês — sob o comando de Xi Jinping (que veio ao Brasil para a reunião dos Brics), o chefe do Partido Comunista mais forte desde Mao Zedong — está adotando uma política severa de acompanhamento da atuação de professores nas salas das universidades. Com o título de presidente perpétuo, e prestando todas as homenagens oficiais a Mao, o que havia caído em desuso, o governo de Xi Jinping criou uma categoria de “estudantes oficiais de informações”, popularmente conhecidos como espiões. São contratados oficialmente pelas universidades e trabalham abertamente nas salas de aula, para constranger os professores. Muitas

universidades colocaram câmaras nas salas, e as aulas são monitoradas em tempo real.

Vários professores já foram demitidos por criticarem medidas do governo, denunciados por espiões e grupos de alunos. A atuação é tão aberta que universidades colocam anúncios para contratar os alunos-espiões.

O “New York Times” entrevistou o professor You Shengdong, da Universidade Xiamen, que foi demitido por ter criticado um slogan do governo chinês. Diz o jornal que muitos espiões não se limitam à atuação dos professores em sala de aula, mas suas vidas pessoais também são alvo de investigações, inclusive o tipo de filmes a que assistem.

A ideia de que a universidade deveria ser um território livre para debates de ideias e estímulo à criatividade foi abandonada, e, ao contrário, a política de Xi Jinping é voltar a utilizar as escolas e as universidades como instrumentos de ação ideológica, como na época da Revolução Cultural de Mao.

Também o culto à personalidade, uma característica da era maoista, está de volta com o estudo disseminado dos “pensamentos de Xi Jinping”. Como se vê, o autoritarismo tem as mesmas obsessões contra a liberdade de expressão, sejam de esquerda ou de direita.

A criação de alunos-espiões na China de Jinping vem da mesma inspiração do governo Bolsonaro

LOURÃO CELEBRA, E WEINTRAUB ATACA REPÚBLICA

Vice lembra a data e fala em ‘evolução política e social’; ministro da Educação vê ‘infâmia’

No dia dos 130 anos da Proclamação da República, o vice-presidente Hamilton Mourão e o ministro da Educação, Abraham Weintraub, mostraram ter visões diferentes da História do Brasil. Mourão preferiu manter uma postura protocolar e comemorou a data.

Para o vice, o País passou a viver, a partir dali, uma “nova etapa de evolução política e social”. “Parabéns, brasileiros! Há 130 anos, com a Proclamação da República, entramos em nova etapa de evolução política e social. Muito fez o Império pela independência e unidade do Brasil, mas, abalado por graves crises, teve que dar lugar a um regime mais consentâneo à realidade nacional”, escreveu ontem o general da reserva em sua conta no Twitter.

Já o ministro da Educação publicou mensagens na mesma rede social com críticas à Proclamação da República. Segundo Weintraub, o movimento foi um “engodo” e uma “infâmia” contra d. Pedro II, imperador deposto pelos militares na queda do Império.

“O que diabos estamos

comemorando hoje? Há 130 anos foi cometida uma infâmia contra um patriota, honesto, iluminado, considerado um dos melhores gestores e governantes da História”, disse Weintraub.

Montagem. O ministro da Educação ainda publicou uma montagem em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva é comparado ao marechal Deodoro da Fonseca. “Chegamos ao traidor: tinha a confiança do Imperador, participou do golpe e não teve coragem de falar pessoalmente com Dom Pedro II que ele e sua família seriam exilados. O Brasil foi entregue às famílias oligarcas que, além do poderio econômico, queriam a supremacia política”, escreveu Weintraub na rede social.

Segundo o ministro, seria “impossível saber como seria o Brasil com um 15 de novembro de 1889 diferente”. “Também acho difícil o retorno da Monarquia. Defendo sim o resgate de nossa História e de nossos heróis. Chega de doutrinação e de mentiras. Uma nação sem passado não lutará no presente por seu futuro”, escreveu.

As postagens fizeram com que Weintraub fosse um dos assuntos mais comentados do Twitter ontem.

Negros são maioria nas universidades

No ranking mundial de desigualdades socioeconômicas, o Brasil ocupa a 10ª posição, embora esteja entre as maiores economias do planeta. Os negros somam 55,8% da população e, neste quadro nacional, são os mais afetados devido ao racismo institucional e privado. Apesar das barreiras estruturais impostas à ascensão social e econômica dos pretos e pardos, em 2018, eles passaram a ocupar 50,3% das vagas nas universidades públicas do país, segundo estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O avanço é o resultado positivo do sistema de cotas raciais, que foi, aos poucos, sendo adotado pelos estabelecimentos de ensino superior no país, a partir da primeira experiência feita pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em meados dos anos 2000, e seguida pela Universidade de Brasília (UnB) em 2004. Graças à luta dos pretos e pardos, o sistema evoluiu para cotas sociais, abrangendo os não negros de baixa renda. E chegou ao serviço público, que adotou a mesma regra nos concursos para o preenchimento de vagas nas várias instâncias de governo.

O estudo revela ainda que o percentual de jovens, entre 18 e 24 anos, com menos de 11 anos de estudo e que não frequentava a escola passou de 30,8%, em 2016, para 28,8% no ano passado — entre os não negros foi 17,4%. Hoje, os analfabetos somam 11,3% da população brasileira. A taxa vem declinando lentamente. No grupo de negros de 15 anos ou mais, ela caiu 0,7 ponto percentual entre 2016 e 2018, passando de 9,8% para 9,1%, mas ainda é bem superior à dos brancos (3,9%). A proporção de pretos e pardos com 25 anos ou mais com o ensino médio aumentou de 37,3% para 40,3%. Entre os não negros, chegou a 55,8%.

O acesso dos negros à educação, em todos os níveis, não significou redução da sua fragilidade econômica. Eles representam 75,2% dos 10% da população com os menores rendimentos, e 32,9% dos que vivem na pobreza. No mercado de trabalho, correspondiam, em 2018, a 64% (57,7 milhões) dos brasileiros desocupados e os brancos 43,9% (46,1 milhões). Os pretos e pardos somavam ainda 66,1% dos subutilizados. Num recorte por nível de escolaridade, entre os desempregados com curso superior, os pretos e pardos representavam 15%, contra 11,5% dos brancos e, respectivamente, 32,9% e 22,4%, entre os sem instrução ou com ensino fundamental incompleto.

Problematizar a discriminação étnica-racial não é mimimi ou vitimização dos negros brasileiros. Se o ativismo leva a avanços, como a adoção de políticas inclusivas, por si só, é insuficiente para resolver os problemas da desigualdade, motivados pelo racismo. Os dados oficiais do governo mostram que há uma seletividade desfavorável aos afrodescendentes, ainda que eles se esforcem e tenham escolaridade e formação profissional que os colocam em pé de igualdade na disputa de oportunidades com os não negros. O fim dessa distorção passa por uma educação que desconstrua o preconceito desde a primeira infância até os mais altos níveis de escolaridade e colabore para quebrar a resistência às políticas inclusivas. Passa também por marcos legais que inibam as diferenças salariais para negros e brancos tanto na estrutura do Estado quanto na iniciativa privada. Exige ainda políticas públicas voltadas à erradicação da miséria e das desigualdades socioeconômicas, que afetam mais severamente os não brancos.

OLIMPÍADA » Rumo à China para competir



A equipe é formada pelos estudantes Tiago de Oliveira, Morjorie Nunes, Arthur Narciso, Ilyan Valentino, Lucas Souza, Bruna Marques, Stella Portella e Lara Hubner

Oito estudantes do colégio Dom Pedro II embarcam para Pequim na próxima segunda-feira (18), onde disputarão a World Mathematics Team Championship, o maior campeonato de matemática daquele país

» Luiz Oliveira*

* Estagiário sob supervisão de Ana Sá

Alunos do 6º e 7º anos do colégio Dom Pedro II irão participar da World Mathematics Team

Championship, maior campeonato de matemática da China. O evento ocorre dos dias 21 a 25 de novembro, na capital, Pequim.

A delegação da escola embarca na próxima segunda-feira (18) com oito estudantes: Tiago de Oliveira, Morjorie Nunes, Arthur Narciso, Ilyan Valentino, Lucas Souza, Bruna Marques, Stella Portella e Lara Hubner. Eles são medalhistas de ouro, a nível estadual, e de prata, a nível nacional, na Olimpíada Matemática Sem Fronteiras 2019, competição internacional e interclasse para alunos do ensino

fundamental e médio.

Expectativas

Patrícia Nunes Naves, 41 anos, e Marjorie Nunes, 11, são, respectivamente, mãe e filha. As duas estão bastante animadas para a viagem. “É um privilégio muito grande (participar da olimpíada), vou tentar fazer o meu melhor”, diz Marjorie.

Aluna do sétimo ano, Stella Portella, 12, revela que começou a gostar de matemática quando se preparava para a seleção do Pedro II e diz estar muito ansiosa. “Fiquei





sabendo (que tinha sido selecionada) pelas minhas amigas. Na hora, não acreditei. A ficha só foi cair depois que falei com o professor. Estou muito animada, pois quero conhecer a muralha da China.”

Preparação

O professor de matemática Edgard Cândido dos Santos, 41 anos, é um dos responsáveis pela preparação dos alunos. Ele conta como foi o processo até a chegada desse momento. “Tudo começou no início do ano, com um projeto que tinha o intuito de capacitar os estudantes do ensino fundamental em matemática. Depois, passamos a enviá-los para algumas olimpíadas pela escola. Ganharam medalhas de ouro e prata em duas”, revela.

Cândido ressalta a importância desse tipo de evento para diminuir a resistência dos jovens. “Ações assim despertam o interesse pela matemática, uma disciplina que gera muitos afastamentos e desistências. Isso porque possibilita um contato mais aprimorado com a matéria. Além de ajudar no currículo para entrada nas universidades, porque o aluno que for colecionando essas conquistas, fica à frente dos demais.”

Apoio da família

Por se tratar de uma competição fora do país, os custos com a viagem são altos. Carla Leal, 37 anos, é mãe de um dos participantes e conta os desafios para conseguir angariar o dinheiro. “A gente soube no dia 24 (de outubro). Meu marido e o Tiago ficaram eufóricos. Eu fui mais pé no chão porque era um valor muito alto, por volta de R\$ 12 mil, mas decidimos que ele ia e, com a dica de um amigo, começamos uma vaquinha on-line.”

Ela explica por que decidiu deixar o filho ir para a olimpíada. “Não podia dizer não. Fiquei assustada no início, mas respirei fundo, pois sei o quanto viver essa experiência será importante para ele, abre muitas portas para o futuro.”

Os estudantes contam com o apoio, também, da Associação de Pais e Mestres da instituição (Apam), o presidente, Sargento Marcio Santos da Silva, 46 anos, conta a importância de apoiar essa conquista. “Vamos ajudar os pais, pois 54% dos gastos serão custeados pela associação, pois é uma oportunidade única ter os nossos alunos representando a escola, sentimos muito orgulho.”